

RECICLANDO MENTES

PROJETO DE TRANSFORMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL

PROMOÇÃO DE SAÚDE COLETIVA ATRAVÉS DA “RECICLAGEM”
DE ENTENDIMENTOS E VALORES

VISA A CAPACITAR AS PRÓPRIAS COMUNIDADES SOCIAIS NA
CONSTRUÇÃO DE POSSIBILIDADES PARA PROBLEMAS
RELACIONADOS À EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA

“(...) muitas vezes o maior erro é de pensar que a idéia é a realidade, e tomar a idéia como algo real é confundir o mapa com a realidade”

Edgar Morin

A violência é um problema social e de saúde que ameaça o desenvolvimento dos povos, afeta a qualidade de vida e desgasta o tecido social. Embora seja um fenômeno mundial, não há dúvida de que a região das Américas é uma das mais afetadas. Ao ocasionar uma alta carga de mortalidade e morbidade evitável que afeta especialmente as crianças, as mulheres e os jovens, ela se torna um problema de saúde pública.

No Brasil, segundo dados da Unesco, os homicídios converteram-se na 3ª principal causa de morte entre homens com idades entre 15 e 39 anos. A incidência de furtos, assaltos e agressões de diversos tipos também vêm aumentando. O crime organizado, especialmente o tráfico de drogas, está em ascensão e gera violência de vários tipos. Quadrilhas provocam enormes danos sociais e econômicos por intermédio de assassinatos, tráfico de armas,

terror e fomento ao vício entre crianças e adolescentes, comprometendo assim a legitimidade e a viabilidade das instituições públicas brasileiras.

Uma questão particularmente preocupante é o impacto que esse crime generalizado de violência e insegurança terá sobre o futuro dos jovens, e, conseqüentemente, do país.

Apesar da liderança política estratégica que vem assumindo como um dos nove países mais populosos do mundo que se comprometeram a encarar a educação como fator de importância-chave para o desenvolvimento (E-9), o Brasil é limitado por desigualdade e discriminação persistentes.

Enquanto o setor industrial se fortalece, a produção agrícola se diversifica e o país se posiciona de maneira efetiva para competir na economia globalizada, quase um terço dos brasileiros, segundo a Unesco, ainda vivem abaixo da linha de pobreza.

Ao mesmo tempo em que possui grandes dimensões territoriais e exerce forte influência econômica e geográfica no subcontinente latino-americano, o Brasil enfrenta desafios assustadores na busca por desenvolvimento humano. Entre esses desafios estão “a erradicação do analfabetismo, a melhoria da qualidade da educação, a redução da vulnerabilidade ambiental, dos conflitos sociais e da violência, a redução da pobreza, da miséria e da exclusão, a promoção da diversidade cultural e a generalização do acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação”, relata o Marco Estratégico da Unesco no Brasil.

Vista assim, a situação parece complicada demais. E é mesmo.

Mas o verdadeiro problema é que a situação se apresenta de fato tão complexa e paradoxal que tendemos a acreditar que não há solução.

Então logo é criado o bordão “Não tem jeito”. E quando pensamos que um problema não tem solução, o que acontece é que paramos imediatamente de pensar nele.

Não à toa, a própria Organização Mundial da Saúde manifestou sua preocupação em “responder ao senso comum de que a violência é invisível, naturalizada e inevitável”. Publicado em 2002, o Relatório Mundial sobre

Violência e Saúde define a violência como desafio universal, dispondo o relatório como “instrumento contra os tabus, segredos e sentimentos de inevitabilidade que a rodeiam”.

Agora, se pensarmos que *ainda* não temos a solução para o problema, nos ocupamos de buscá-la. Então, a pergunta que parece ser mais útil no momento é: Como podemos dar jeito?

Sabemos que, para realizar seu reconhecido potencial, o Brasil terá que dar passos largos em direção a uma sociedade mais inclusiva.

Porém incluir de verdade começa por incluir o próprio saber das comunidades na busca de soluções, estimulando a formação de “entendimentos responsáveis” (eu sou responsável pelos entendimentos que possuo e pelas escolhas que faço) que viabilizam ao ser humano o resgate da *autoria* de sua história.

Todos nós, acrescidos do entendimento de construção de possibilidades, podemos buscar alternativas concretas para viabilizar mudanças em nível micro e macro na sociedade.

A mudança de entendimento de vítima de uma história para *autor* da mesma história caracteriza a filosofia do construcionismo social e evidencia a rede social como um potencial valioso na busca de soluções-ações para as questões sociais. A construção de uma “cultura de possibilidades” diante das realidades de exclusão social e violência promove a criação de novas alternativas, onde a solução é co-construída por todos os envolvidos na questão.

“Estamos adormecidos, apesar de despertados, pois diante da realidade tão complexa, mal percebemos o que se passa ao nosso redor”

Edgar Morin

Foi a partir da experiência profissional junto a pacientes portadores de doenças crônicas que percebemos que os entendimentos, assim com as doenças, também se tornam crônicos. Nas sessões terapêuticas, não estavam em pauta somente crenças e valores pessoais, mas também sociais e culturais. A relação que os pacientes estabeleciam com as suas doenças podiam ou não ocasionar o comprometimento de sua qualidade de vida. Da mesma forma, a nossa relação com o “não tem jeito” também pode – ou não – comprometer a qualidade de vida de toda a sociedade.

Seguindo a abordagem pautada no construcionismo social buscamos criar, com os pacientes, um espaço reflexivo onde compartilhamos diferentes perspectivas, viabilizando a construção de novos significados. Durante o processo percebemos que, em muitos entendimentos estagnados, a relação estabelecida com o problema (doença) era similar à relação do cidadão com a questão (“sem solução”) da violência.

Acreditamos, portanto, que os problemas sociais se configuram a partir de entendimentos crônicos e que a mesma ferramenta que propicia a construção de saúde para o paciente portador de doença crônica mostra-se perfeitamente capaz de construir transformações sociais.

Vejamos o problema da informação, por exemplo.

Já é sabido que o conhecimento é força central na transformação social. No contexto brasileiro, o conhecimento e a informação oferecem possibilidades de criação de estratégias mais eficazes para a redução da pobreza e para a atenuação da desigualdade.

No âmbito do mandato da Unesco em comunicação e informação, o cenário atual oferece algumas perspectivas promissoras, ao lado de alguns obstáculos difíceis à democratização do conhecimento e à promoção de maior acesso às fontes de informação e conteúdos de qualidade, principalmente na esfera local. O número de usuários domiciliares de Internet dobrou desde 2000, chegando a 11,96 milhões em 2005. No entanto, 55% dos brasileiros com mais de dez anos de idade nunca tiveram qualquer tipo de contato com computadores, e 68% nunca se conectaram a Internet.

É claro que é fundamental ampliar o acesso à informação, e a sociedade brasileira e seu governo estão comprometidos com os objetivos de ampliar o acesso popular à informação e reduzir o hiato digital. Mas a epígrafe e a citação deste projeto, até aqui, não apontaram para Edgar Morin por acaso.

Em “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, Morin identifica sete buracos negros na educação que vêm sendo ignorados. O primeiro buraco negro diz respeito ao conhecimento, porque “nunca se ensina o que é o conhecimento, apesar de ser muito importante saber o que é o conhecimento, tendo em vista que nós sabemos que o problema-chave do conhecimento é o erro e a ilusão.”

Ao examinarmos crenças do passado, lembra Morin, concluímos que a maioria delas contém erros e ilusões. “O conhecimento nunca é um reflexo ou espelho da realidade. O conhecimento é sempre uma tradução, seguida de uma reconstrução.” E toda tradução traz o risco do erro. É por isso que “o problema do conhecimento não deve ser um problema restrito aos filósofos, é um problema de todos e cada um deve levá-los em conta muito cedo.”

Em outras palavras, é preciso não desaprender a refletir. Afinal ter acesso a informações é essencial, mas o bom ou mau uso das mesmas, passa pelo crivo da reflexão consciente. Minimizar a intolerância, a discriminação, a desigualdade, a ignorância, a pobreza e a exclusão são tarefas que pedem muito conhecimento, mas não só. Pede, ainda nas palavras de Morin, um *conhecimento pertinente*, ou seja, um conhecimento que não mutile seu objeto. Não é a quantidade de informações que forma um conhecimento pertinente,

mas sim a capacidade de posicioná-las no contexto. E o contexto por sua vez pede compreensão, palavra que vem de *compreendere*, em latim, que significa colocar junto todos os elementos de explicação, ou seja, não ter somente um elemento de explicação, mas diversos.

Qualquer semelhança com a interdisciplinaridade não terá sido mera coincidência.

E o construcionismo social com isso?

O construcionismo social consiste em um conjunto variado de contribuições teóricas que tem ganhado espaço na literatura em Psicologia nas últimas décadas, inicialmente na Psicologia Social, tendo se espalhado para outros campos, como o da Psicoterapia. Apesar da particularidade de tais contribuições, autores como Burr (1995) e Gergen (1999) afirmam que elas se articulam em torno de quatro idéias centrais: **a ênfase na especificidade cultural e histórica das formas de conhecermos o mundo; o reconhecimento da primazia dos relacionamentos na produção e sustentação do conhecimento; a interligação entre conhecimento e ação; e a valorização de uma postura crítica e reflexiva.**¹

A primeira das quatro idéias foca a atenção no contexto do qual fala Morin. A segunda, muito importante, fala da importância de se olhar com calma e fundo para o outro, prática que, numa sociedade cada vez mais individualista, parece infelizmente estar fora de moda.

“A responsabilidade no sistema terapêutico, a partir desta posição, é compartilhada com o cliente. O objetivo de se explorar esta responsabilidade relacional não é mudar o imperfeito ou resolver o conflito, mas ampliar as vozes admitidas na conversação. A medida que o terapeuta não se coloca como conhecedor da verdade e do melhor para o cliente, ele o convida a se responsabilizar conjuntamente pelas mudanças que ocorrerem.”²

¹ Raserá, Emerson F.; Japur, Marisa. Desafios da aproximação do construcionismo social ao campo da psicoterapia. Estudos de Psicologia 2004, 9 (3), 431-439.

² Id., p. 437.

Vivemos hoje numa sociedade na qual não raro confunde-se a realização de direitos com a satisfação de desejos individuais. Nessa equivalência o outro pouco importa, associando-se a liberdade de exercício de direitos à coisificação do outro, ruptura interativa que fundamenta a violência. “O exercício do direito vem sendo desconectado da esfera relacional e situado cada vez mais como questão individual, silenciando as contrapartidas relacionais: os deveres e os compromissos”³

Quanto mais o individualismo cresce, acrescenta Morin, mais ele desenvolve o egocentrismo, o egoísmo que, conseqüentemente, alimenta a auto-justificação e a rejeição ao próximo. A raiva leva à vontade de eliminar o outro e tudo que pode aborrecer, e de certa maneira isto favorece ao que os ingleses chamam de *self-deception*, que é, explica o autor, trair a si mesmo. A redução do outro é o que impede a compreensão, bloqueada também pela indiferença.

O poder da narrativa

Nesse sentido, reafirmando a primazia dos relacionamentos na produção e sustentação do conhecimento, o construcionismo social e suas práticas terapêuticas, como a terapia narrativa, nos permitem reconhecer a abertura e indeterminação do processo de produção de sentido e legitimar a importância da espontaneidade e do compromisso com o outro na sustentação dos relacionamentos humanos.

À medida que a pessoa se expressa, ela se constrói de determinadas maneiras. E nesse processo de construção de novas narrativas a pessoa revisa a sua relação com o problema, redefinindo sua relação com o mesmo. Esta nova narrativa, ao separar a pessoa de uma história saturada pelo problema, produz uma sensação de liberdade para a ação, de capacidade de intervir no

³ Violência e saúde – Estudos II, p. 2. __Rev Saúde Pública 2006;40(N Esp):112-20 Schraiber,W. ; D’Oliveira, A. ; Couto, M.

mundo e, assim, traz a capacidade de assumir a responsabilidade na construção de novas possibilidades.

Dois terapeutas familiares, Michael White e David Epston, da Austrália e Nova Zelândia, basearam seus trabalhos em uma metáfora textual. Eles sugerem que as pessoas, no esforço de dar sentido às suas vidas, organizam sua experiência em seqüências temporais, construindo um relato coerente de si próprias e do mundo. Este relato no tempo, esta narração, permite às pessoas um senso de continuidade e sentido em suas vidas, e faz com que passado, presente e futuro se mesquem na produção de qualquer narração.

“É importante notar que estas narrativas não são narrativas secundárias sobre determinados fatos, ao contrário, determinam primariamente o que se considerará como fato. É neste sentido que tais narrativas são constitutivas, modelam a vida e as relações das pessoas, recortam o que deve aparecer, se destacar ou desaparecer. São elas que determinam o sentido que é dado à experiência, a seleção dos acontecimentos a serem expressos, as formas da expressão e os efeitos e direções da vida.”⁴

A prática narrativa traz novos significados à vida e, conseqüentemente, novas ações.

Fica difícil acabar com a violência, portanto, sem melhorar o acesso ao **conhecimento**, otimizar a **compreensão** desse conhecimento, promover a **reflexão** e, principalmente, **olhar para o outro**.

NOSSO OBJETIVO

Capacitar gestores de ONGs, líderes comunitários e de ensino a trabalharem com ferramentas base no construcionismo social e nas práticas narrativas.

Este projeto consiste na realização de estudos, pesquisas e trabalhos na área de saúde pública. Defende a idéia de “reciclarmos” nossos entendimentos buscando a construção de melhores possibilidades na vida.

⁴ Id, p. 432.

É um projeto que visa à promoção de Saúde Mental, caracteriza-se como uma ação preventiva junto à Saúde Coletiva, realizando diversos segmentos de conscientização e sensibilização junto a organizações de ensino e assistência.

CONSTRUINDO UM MEIO DE SE AUTO-SUSTENTAR E CRESCER

Utilizando sua própria metodologia de construir possibilidades para solucionar problemas, a Clínica Psicológica elaborou a logomarca Reciclando Mentas, buscando, através da cessão de direitos de uso para produtos reciclados, obter os recursos financeiros necessários para o crescimento do projeto. O **Reciclando Mentas** pretende gerar uma marca que, associada a produtos e serviços conscientes, espalhará na sociedade um novo conceito, uma nova forma de pensar.

NOSSA LOGO TRADUZ NOSSA IDÉIA



TRABALHOS SOCIAIS COMPROVADOS NESTA ABORDAGEM

Segue abaixo o link de um centro de pesquisas de práticas narrativas na Inglaterra que, através de pesquisas feitas na África, valida e aponta essa ferramenta como muito eficaz nos processos de transformação social.

<http://www.dulwichcentre.com.au/Foundation.html>

<http://www.youtube.com/watch?v=A4aopMLdhSQ>

<http://www.uel.ac.uk/cnr/>

EQUIPE DE COODENAÇÃO

Ana Luiza Novis

<http://www.terapianarrativa.com.br/portugues/ana.html>

Lúcia Helena Assis Abdalla

<http://www.terapianarrativa.com.br/portugues/lucia.html>